

**A SALA DE AULA INVERTIDA COMO EXPERIÊNCIA
(ESTRATÉGIA) PARA COMPREENSÃO LEITORA
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Adriana Nascimento Querido (CPII)
adrianaquerido@gmail.com

Aira Suzana Ribeiro Martins (CPII)
airasuzana.ribeiro@tins@gmail.com

RESUMO

Este texto discute a importância das metodologias ativas no processo de ensino e de aprendizagem, especialmente da sala de aula invertida. Essa metodologia permite que o aluno tenha conhecimento dos conteúdos que serão abordados com antecedência às aulas presenciais ou remotas, apresentando, no encontro com o grupo, questionamentos, dúvidas e, ainda, sugestões de novas possibilidades de atividades após o acesso aos textos e aos vídeos relativos à aula. Será apresentado, também, o relato de um projeto de leitura desenvolvido em turmas de Ensino Médio regular, em que se indagou, inicialmente, se a utilização desse método poderia auxiliar os alunos nas práticas de leitura como fonte de conhecimento e de interação com os textos lidos. Objetivou-se desenvolver a compreensão leitora nas aulas de Língua Portuguesa e analisar os resultados que mostraram a utilização das redes sociais pelos estudantes como forma de estudo. Concluiu-se que os alunos ressignificaram as experiências com o uso da tecnologia na aprendizagem, aumentando a sua autonomia e o seu engajamento nas aulas. Os resultados sugeriram, ainda, impactos positivos em todo o contexto escolar.

Palavras-chave:

Compreensão leitora. Metodologias ativas. Sala de aula invertida.

ABSTRACT

This text discusses the importance of active methodologies in the teaching and learning processes, especially within the realms of the flipped classroom methodology. In this methodology students are allowed to have previous access to contents that will be addressed later during a face-to-face or remote lesson, so that, when the group meets, they can present their questions, ask for clarification, as well as suggest new activities upon having had access to related texts and videos throughout the lesson. A report on a reading project will also be presented, which was deployed in regular high school classes, and which initially sought to answer whether this method could aid students in their reading practice, being a source of knowledge and interaction with the texts being read. The objective of the Portuguese language lessons was to develop reading comprehension skills and to analyze the results, which shows the use of social media by students as a manner of studying. It was concluded that, through the use of technology in learning, the students reframed experiences, increasing their autonomy and their engagement in classes. The results also suggested positive impacts across the schooling context.

Keywords:

Active methodologies. Flipped classroom. Reading comprehension.

1. Introdução

Ao adentrarmos no século XXI, deparamo-nos com um cenário sociotécnico que evidencia mudanças organizacionais, econômicas, culturais e sociais que acabam por influenciar na maneira como pensamos, conhecemos o mundo e interagimos com ele. Isso exige uma reflexão sobre a escola e sobre a maneira como essa instituição conduz o ensino.

Neste texto, refletimos sobre o desenvolvimento das tecnologias, o aparecimento de novas linguagens e as mudanças significativas que presenciemos na organização da instituição educacional ocasionadas, principalmente, por acontecimentos recentes na sociedade. Fazemos, também, o relato de projeto de leitura desenvolvido em classes do segundo ano do Ensino Médio regular de uma escola estadual do Rio de Janeiro, com a utilização de uma proposta de metodologia ativa, em especial, a sala de aula invertida, com algumas adaptações. Por fim, apresentamos as mudanças ocorridas no grupo envolvido com o projeto, sobretudo, no que se refere à conscientização de problemas recorrentes em nossa sociedade, vistos, muitas vezes, com certa naturalidade e indiferença.

Presenciamos vários acontecimentos de importância histórica, responsáveis pela transformação do cenário social e político da vida humana. Eles passaram a ser caracterizados como uma conjuntura que faz emergir as tecnologias digitais em rede que começam a remodelar a sociedade a partir dos estudos voltados para cibercultura.

O termo cibercultura expõe uma nova forma de comunicação gerada pela interconexão de computadores ao redor do mundo, abrangendo não apenas a infraestrutura material, mas também um novo universo informacional que abriga os seres humanos que o mantêm e o utilizam. Para Levy (1999, p. 49), as particularidades técnicas do ciberespaço, ou seja, das redes digitais, “permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários”. Esse recurso é comum entre os jovens, que organizam jogos virtuais e, até mesmo, trocas de experiências motivadas por um interesse em comum, como gêneros musicais e séries.

Vivemos, de acordo com Hall (2000), na chamada sociedade pós-moderna, ou sociedade da informação ou, ainda, sociedade do conhecimento. Percebemos, em nosso cotidiano, mudanças que dizem respeito às formas de nos relacionarmos com as outras pessoas devido ao uso da

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tecnologia. Presenciamos o avanço de reuniões virtuais e de contatos via mensagens por aplicativos que aproximam e, ao mesmo tempo, distanciam, mas que se tornaram essenciais em tempos de pandemia mundial.

Os modelos familiares e a relação com o trabalho foram transformados, assim como o modo de encarar o estar e o agir no mundo. Estamos, de acordo com Moran (2007), na “Era da incerteza”. Segundo o autor, vivemos um momento extraordinário de “turbulência nas ideias e nas construções intelectuais, fusões de disciplinas, redistribuição dos domínios do saber, crescimento do sentimento profundo de incerteza” (MORAN, 2007, p.7). Diante da pandemia, as incertezas são constantes e as perguntas nos movem para onde as respostas não surgem.

Neste momento de turbulência nas ideias e nas construções intelectuais, conceitos como cibercultura (LÉVY, 1999), inteligência coletiva, ciberespaço (LÉVY, 2002) e sociedade em redes (CASTELLS, 1999), entre outros, passam a engendrar nosso meio social. Em consequência de uma sociedade na qual o conhecimento em rede e colaborativo se torna cada vez mais valorizado, voltamos nossas pesquisas para os paradigmas que regem a Educação em tempos de cibercultura.

As tecnologias de informação e de comunicação potencializaram os espaços de convivência e aprendizagem, principalmente quando levamos em consideração o uso de interfaces interativas, mídias digitais e redes sociais. No ciberespaço e, especificamente, nos ambientes virtuais de aprendizagem, os saberes são produzidos pela cibercultura, principalmente, no que se refere a aprender com o outro e em conjunto, construindo uma rede de aprendizagem em um ambiente aberto, plástico, fluido, atemporal e ininterrupto.

Diante da inserção da multiplicidade de linguagens e de tecnologias, temos necessidade, cada vez mais, de conhecê-las e utilizá-las nas questões relativas aos espaços escolares e, dessa forma, ampliar seus usos. Temos, durante 2020 e 2021, trabalhado, exclusivamente, com o modelo de sala de aula invertida com algumas adaptações e podemos afirmar que os resultados são bastante animadores, ultrapassando, inclusive, os muros escolares, levando os alunos a um protagonismo na aprendizagem. Como resultado, passam a observar o mundo à sua volta, com uma postura mais reflexiva e crítica.

2. A sala de aula invertida

A sala de aula invertida está dentro da metodologia ativa e começa a ganhar, cada vez mais, a adesão de professores. Esse ambiente, produzido pela cibercultura, favorece a aprendizagem e traz uma reflexão sobre novas formas de aprender. Com a inversão da lógica da sala, os alunos têm, anteriormente, acesso aos conteúdos que serão abordados no espaço físico da escola. Essa metodologia, que antes se apresentava como uma possibilidade de enriquecimento das práticas de ensino e aprendizagem, passou a representar importante aliada do professor no prosseguimento de seu trabalho diante da nova realidade que se instalou no ambiente escolar. A proposta de utilizarmos a sala de aula invertida como metodologia pauta-se em autores que apontam a necessidade de uma reflexão sobre a tecnologia e os modelos educacionais que priorizam, unicamente, o saber do professor.

Moran (2015) afirma que a escola, a par das mudanças, também busca a promoção de novas configurações em seu trabalho, podendo, assim, optar por dois caminhos, um mais suave e outro mais profundo. O modelo mais profundo de mudança quebraria todos os modelos estabelecidos. Segundo o pesquisador, o mais sensato seria a realização de mudanças de forma progressiva, com a priorização de metodologias ativas, com uma visão interdisciplinar, como o ensino híbrido e a sala de aula invertida.

Esse modelo de ensino, a sala de aula invertida, busca aulas mais atrativas e dinâmicas, nas quais o protagonismo discente é valorizado e situações reais são apresentadas aos alunos. São abandonadas, desse modo, as práticas tradicionais que simulam situações artificiais, distantes da realidade. Esse modelo de ensino pouco contribui para a formação de indivíduos com espírito crítico e consciência de que as mudanças que visam à obtenção de direitos e bem-estar social só podem ocorrer graças à participação ativa dos cidadãos.

Destacamos que ensinar e aprender tornam-se, nessa nova concepção, mais interligados, ampliando a relação física e digital, estendendo a sala de aula para fora do ambiente escolar. O professor age como mediador e curador desse processo. Ao pensarmos no papel da escola e no trabalho com um aluno mais participativo, podemos pensar em formas de proporcionar elementos que permitam novas possibilidades e novas experiências com o mundo digital que facilitem a integração dos espaços, como nos diz Moran:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. Por isso a educação formal é cada vez mais blended, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais. O professor precisa seguir comunicando-se face a face com os alunos, mas também digitalmente, com as tecnologias móveis, equilibrando a interação com todos e com cada um. (MORAN, 2015, p.16)

A inversão da lógica da sala de aula proporcionou essa experiência, tanto para estudantes como para os professores. Com isto, os estudantes tornaram-se, efetivamente, protagonistas do processo de construção de conhecimentos e de aprendizagem. Essa prática mostra que o interesse pelas atividades propostas aumenta, visto que participam, emitem opiniões, em parte, graças ao conhecimento prévio dos assuntos. Nessa proposta de ensino, com a inversão da sala de aula, o aluno passa de mero espectador a responsável pela condução da aula, ou seja, ele recebe os conteúdos e deles se apropria antecipadamente e, com isso, pode participar das discussões de forma mais ativa.

Moran e Bicich (2015) observam que no novo modelo, a sala de aula se amplia e se mistura com outras salas em espaços físicos e virtuais. Isso faz com que haja troca de conhecimentos, interação entre docentes e discentes acerca do conteúdo das postagens, enriquecendo as experiências de todos, professores e alunos. O recurso digital oferece uma diversidade de práticas que envolvem o aluno, esse jovem habituado ao uso das redes sociais. Moran (2015) ainda observa que o quão é difícil tratarmos de diferentes salas de aula, pois é o mundo que está em processo de mudança, logo, a forma como acessamos o conhecimento e o compartilhamos é também diferente.

A metodologia da sala de aula invertida, que valoriza a criatividade e a autonomia, permite horários variados para estudos, tornando o processo de aprender mais prazeroso e eficaz. Os estudantes percebem o desafio dessa prática pedagógica, na qual se envolvem, na investigação de informações e na produção de conhecimentos. Moran (2015) prossegue, destacando que essa mistura traz o enriquecimento às aulas e nós, docentes, nesse momento, agimos como um elemento capaz de dirimir as dúvidas ao longo do processo. Os desafios propostos tornam-se fatores positivos na construção do próprio conhecimento.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em tempos de pandemia e diante de variáveis inimagináveis, a tecnologia não pode ficar do lado de fora da escola. Devemos refletir urgentemente sobre uma ação voltada para o ensino e para a aprendizagem em um cenário que exige mudanças. A esse respeito, Moran, em texto anterior à pandemia, 2015, já chamava atenção para a necessidade de a escola buscar modelos de ensino mais flexíveis e significativos, ou seja, trabalhar com situações reais e contextualizadas, para que o aluno perceba que aprendizagem significa estar no mundo.

Considerando essas ideias em um contexto, no qual inúmeras dificuldades se impuseram, como o fechamento das escolas e a necessidade da continuidade do processo educativo, estratégias de ensino, até então pouco praticadas, passaram a ser consideradas. Finalmente, compreendemos que esta geração de jovens já utiliza e domina a tecnologia com grande habilidade. A proposta de inversão da sala de aula, desse modo, emerge como uma perspectiva de troca de saberes, que é instigada pela mediação pedagógica com interações frequentes que se enquadram no processo de ensino e aprendizagem.

Nas próximas linhas, apresentamos, brevemente, os fundamentos do projeto de leitura de crônicas de Lima Barreto desenvolvido em turmas do Ensino Médio.

2.1. Aplicação das atividades no ambiente virtual

Como informamos anteriormente, o fechamento das escolas ocasionado pela pandemia no ano de 2020, a princípio, trouxe certa angústia diante da impossibilidade de darmos continuidade ao trabalho iniciado. A sala de aula invertida, uma prática já habitual em nossas classes e conhecida dos alunos, passou a fazer parte de nossa rotina de trabalho, com algumas adaptações, já que o projeto foi desenvolvido totalmente no ambiente virtual. Desse modo, as discussões que seriam feitas no ambiente presencial, de acordo com as propostas de ensino híbrido, passaram a se dar nas aulas via *Internet*.

Queríamos, no projeto idealizado, que os alunos lessem, compreendessem e pudessem discutir sobre os textos lidos e avançassem em suas posições críticas na sociedade em que estamos inseridos. Acreditamos que textos como as crônicas, especialmente as de Lima Barreto, tenham contribuído significativamente para o alcance de nossos objetivos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Agradou-nos a ideia de abordar um gênero tão variado como a crônica. Imensamente rica, que nos faz refletir sobre o cotidiano, aborda temas, fatos e atos que fazem jus ao registro pelas palavras de quem as escreve, a crônica é lida por um público cada vez maior. Já é uma tradição no mercado editorial do Brasil livros que reúnem textos que podem ser lidos nas escolas, ultrapassando as páginas de jornais e revistas, ratificando seu valor de texto que pode agradar a leitores das mais variadas idades.

A riqueza desses textos, com sua linguagem em tom de comentário, contando histórias, têm força nas salas de aulas, com os quais os estudantes se identificam. Segundo eles, é nítida a conversa do narrador com o leitor. O tom coloquial da linguagem é um fator que aproxima leitor do texto. A esse respeito, Antônio Candido (2003) acrescenta que o prestígio da crônica é um sintoma da busca do leitor pelas características da oralidade na escrita.

A proximidade do leitor com textos de Lima Barreto permitiu que discutíssemos com os alunos não só com o objetivo de desenvolver sua reflexão crítica e sua argumentação como também desenvolver a expressão oral. A leitura das crônicas do escritor fluminense, com sua linguagem coloquial, permitiu também que os alunos conhecessem a paisagem da cidade do Rio de Janeiro do início do século XX e, ainda, os hábitos e os costumes da população. Os mesmos problemas presentes em nossa sociedade, hoje, incomodavam também o cidadão da primeira metade do século XX, de acordo com as crônicas selecionadas para o projeto desenvolvido com as turmas.

Observamos que um estudo sobre a compreensão leitora é estimulante e, ao mesmo tempo, extremamente desafiador. De acordo com Smith (2003), a compreensão não pode ser medida, por isso, ela deve ser considerada mais um estado, em que se desenvolve no leitor a capacidade de relacionar a leitura aos conhecimentos prévios e aos acontecimentos que o cercam. Na impossibilidade de fazermos o relato de todos os passos do projeto, vamos nos deter no trabalho de leitura e de compreensão da crônica “Não as matem” (BARRETO, 1915). Utilizamos as estratégias de forma a enfatizar a concepção de leitura na qual o leitor interage com o texto, com a inversão da lógica da sala de aula, em que o ambiente presencial foi substituído pelo virtual.

Nesse sentido, as intervenções não foram realizadas como havíamos planejado, mas se tornaram possíveis por meio de encontros pela

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

plataforma *Facebook*, em que os estudantes participavam e apresentavam suas dúvidas ao longo dos vídeos ao vivo, que ficavam gravados e muitos podiam assistir depois. A interação, entretanto, acontecia diariamente. Uma parte dos estudantes assistia às aulas ao vivo e a outra parte visualizava as postagens à noite.

A ideia inicial da intervenção feita presencialmente foi ajustada, por reconhecermos as dificuldades que envolveram a participação dos alunos. Os problemas iam da falta de equipamento, impossibilidade de acesso à internet até o desânimo causado pela falta de interação com colegas e professores.

Apesar das adversidades, muitos estudantes conseguiram realizar as propostas com demonstração de interesse, apresentando dúvidas e questionamentos que iam sendo sanados, na medida do possível, de forma remota. Pudemos verificar o envolvimento dos participantes com comentários, numa demonstração apresentavam demonstração de interesse e compromisso. Desde o início, estabelecemos os dias e o horário dos encontros, que seriam na parte da manhã. As interações, entretanto, ocorriam ao longo do dia e da semana, fato que ampliou o contato para além dos tempos de aulas. Os estudantes postavam suas dúvidas ou seus comentários nos mais diversos momentos.

A nova concepção de ensinar e aprender, o ensino remoto, se apresentava, naquele momento, como a única alternativa para os estudos. e por isso, a participação e o envolvimento da turma foram fundamentais. Por meio das plataformas, pudemos observar que os próprios alunos convidavam os outros e, curiosamente, faziam a liberação para o colega participar do grupo por conta própria.

Diante da nova situação para as aulas, cada passo deveria ser bem planejado para que tudo desse certo e mantivéssemos com os alunos uma relação mais afetiva, na tentativa de não nos sentirmos tão distanciados, apesar da distância geográfica que nos separava. O primeiro passo foi esclarecer os dias dos vídeos ao vivo com as aulas, as conversas e as explicações para as possíveis dúvidas. Esses lembretes iam sendo feitos ao longo das semanas, para que não perdéssemos os vínculos e o acordo feito. Vale registrar que essa organização de agenda foi bastante importante para o sucesso das ações.

2.1.1. Conhecendo o gênero crônica

Postamos *slides* explicativos e informações relevantes sobre a crônica, tais como seu aparecimento, local de circulação e as características brasileiras desse gênero textual. Dessa forma, os estudantes se apropriavam do conhecimento sobre o assunto e traziam suas questões para aulas virtuais. Os avisos eram postados na semana anterior às aulas e com lembrete sobre suas datas, destacando o compromisso firmado para a data do encontro explicativo.

As videoaulas eram transmitidas ao vivo, mas ficavam gravadas e disponíveis para que assistissem quando e onde pudessem, inclusive, mais de uma vez. Após o estudo do gênero, prosseguimos para a leitura das crônicas. Apresentamos atividades feitas a partir da leitura de “Não as matem” (1915), escolhida, após a leitura de todos os textos, como a preferida pela turma, de acordo com a enquete realizada por nós.

As sondagens foram realizadas várias vezes com intuito de aproximar professora e alunos. Esse recurso se mostrou eficiente e rápido para respostas curtas, quase imediatas. Funcionavam como uma nova forma de conversa que realizávamos dentro da própria plataforma do Facebook e as respostas contabilizadas de acordo com a necessidade exigida para o momento.

2.1.2. Etapas da leitura de “Não as matem”

Texto: Não as matem

a) Postagem dos textos e dos temas que seriam comentados e debatidos durante as videoaulas.

Os textos eram postados em duas formas:

- como imagem para acesso aos arquivos das atividades com as turmas;
- registrados no espaço destinado aos comentários para uma rápida visualização.

Os textos eram postados anteriormente à aula, seguindo o modelo da inversão da sala de aula, em que os alunos são informados anteriormente sobre os conceitos que serão abordados nas aulas. Esse foi um grande desafio, pois na fase de hipóteses e predição sobre o texto, havia uma preocupação para que não abandonassem a atividade e, para isso,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

criamos formulários *on-line* para que a intervenção fosse mais rápida e eficaz.

Tínhamos grande preocupação em oferecer aos alunos textos que estivessem dentro de seu interesse e de seu nível de conhecimento. Cabe destacar que a compreensão não é algo simples de ser ensinado, mas as estratégias cognitivas e metacognitivas sugeridas por Kleiman (2002) puderam auxiliar os estudantes do Ensino Médio, em que se supõe mais facilidade na leitura, fato questionável e observado durante nossos anos em sala de aula, em encontros presenciais.

Refletimos sobre os conceitos de estratégias, a fim de amparar nossas ações com os estudantes, pois constatamos que eles não demonstravam hábito de leitura, valendo-se de estratégias que pudessem auxiliar na leitura dos textos. Relataram que liam e não realizavam as atividades, aguardando as respostas fornecidas pelos professores, não se envolvendo com os sentidos oferecidos pelo texto que poderiam descobrir com a utilização de estratégias e objetivos de leitura.

Salientamos a pretensão de tornar o aluno um leitor autônomo, que possa assumir uma posição na qual reconheça na leitura uma interação entre texto e autor, afastando-se dos modelos considerados mais tradicionais. Esse modelo permanece presente em muitos livros didáticos, nos quais se mantém certa passividade nas respostas, sem a exigência de ativação de conhecimentos prévios e de inferências no texto lido para que se atinja a compreensão necessária sobre o que lê.

b) Agendamento da atividade ao vivo

Logo após as postagens dos textos, seguia-se o próximo passo: o agendamento para a atividade ao vivo. Essa etapa tinha como objetivo informar aos alunos sobre as atividades de encontros virtuais ao vivo, que eram marcadas com antecedência com anúncio de horários e de data que permaneceram os mesmos das aulas presenciais (quartas e sextas).

c) Vídeos explicativos ao vivo

Para o maior engajamento dos alunos nas propostas, realizamos vídeos explicativos que ficam gravados no *Facebook*. Durante o encontro, estimulamos as reflexões sobre a violência contra a mulher, disponibilizando orientações sobre o tema, suas implicações no cotidiano e um processo de incentivo no combate ao feminicídio, permitindo que expusessem suas opiniões, levantassem hipóteses e registrassem suas conclu-

sões, de acordo com suas vivências, estimulando-os a falarem abertamente sobre o tema.

Principais destaques levantados ao longo das aulas:

Durante as aulas, os estudantes acompanham a leitura e realizamos perguntas iniciais (predições) sobre o texto que seria lido. Kleiman (2002, p. 54) nos orienta que: “Ao ajudarmos o aluno a pensar na intenção do autor, ou de quem encomendou o texto, estaremos analisando o texto na procura das marcas linguísticas dessa intencionalidade.”

A fim de auxiliar nossos alunos sobre os textos, seguimos as seguintes estratégias orientadas pela autora:

- predição: os alunos utilizam seus conhecimentos prévios para antecipar o que lerá no texto;
- levantamento e verificação de hipóteses: são as expectativas com base no gênero auxiliam nas informações sobre o conteúdo e o que se pode esperar dessa leitura;
- extrapolação: a compreensão é um processo criador, ativo e construtivo que vai além da informação estritamente textual;
- inferências: ao ler um texto, as informações podem estar explícitas ou implícitas. Inferir é conseguir chegar a conclusões a partir dessas informações.

Propusemos as seguintes questões aos alunos:

Você imagina de que trata o texto ao ler seu título “Não as matem”?

Podemos imaginar o tema apenas pelo título?

Podemos imaginar um desfecho para essa crônica observando o título?

Que situações poderão ser abordadas nessa crônica?

Os questionamentos visavam a ativar a curiosidade sobre o texto a partir das impressões provocadas pelo título. Conversamos sobre Lima Barreto e sua forma crítica ao escrever, dispendo mais informações sobre suas obras e coletânea de crônicas reunidas em um livro que foi mostrado durante os encontros presenciais e virtuais. Em seguida, após a leitura, fizemos algumas perguntas, como a ideia central do texto, ano de publicação e circulação, juntamente com a informação de que as crônicas, inicialmente, circulavam em jornais.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Destacar a ideia central nem sempre é fácil e, segundo Solé (1998), podemos seguir algumas regras para chegar a ela: omissão ou supressão em que se eliminam informações triviais ou redundantes; substituição, com as quais se integram fatos ou conceitos; seleção que leva a identificar a ideia no texto, caso esteja explícita e elaboração na qual se constrói ou se gera a ideia principal. Essa imersão no texto é corroborada pelas ideias de Marcuschi (2008) ao afirmar que o texto na escola é visto como algo concluído, que admite a presença do leitor somente para extrair informações.

Na tentativa de oferecer um esclarecimento de que o trabalho com texto é um evento comunicativo, nosso trabalho pedagógico serviu como fio condutor, orientando os alunos para a compreensão das crônicas. Nossa proposta é contribuir para formação de leitores competentes que sejam capazes de ler nas situações reais da sociedade letrada. Esperamos que eles possuam leitura para aquisição de novos conhecimentos, prazer ou informações imediatas e necessárias diante dos desafios do exercício da cidadania.

Dando prosseguimento aos estudos do texto, após as reflexões sobre o título, lemos o texto e investigamos se as hipóteses levantadas se confirmavam. Alguns alunos pensavam tratar-se de um texto sobre desmatamento, suposição excluída logo na leitura do primeiro parágrafo. Comentamos sobre o triste cenário vivido pelas mulheres no que tange à violência, principalmente, a doméstica, pois, de acordo com as pesquisas realizadas, constatamos que a maior parte das agressões sofridas parte de companheiros ou de pessoas próximas a elas.

Alguns alunos e alunas relataram já terem presenciado cenas de ataques e abusos contra mulheres de suas famílias ou vizinhas. Esta situação é recorrente e alguns ficaram atentos por não considerarem gritos ou tapas como violência, considerando que há extrapolação de conduta do companheiro somente quando existe sangue ou morte. Esclarecemos alguns tipos de violência contra a mulher: a física, psicológica, moral, sexual e patrimonial, presentes na Lei Maria da Penha, também estudada ao longo do trabalho com esse texto.

Durante a leitura da crônica “Não as matem” (BARRETO, 1915), ficou mais clara para nossos leitores a ideia de que muitos homens ainda pensam exercer o domínio sobre a mulher e não aceitam o término de um relacionamento partir delas. Comparamos atitudes dos ladrões com os assassinos de mulheres e a imposição que lhes impõem para amar. Essas

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

reflexões fizeram com que os alunos chegassem à conclusão de que a violência existe há longo tempo e permanece sem punição em muitos casos.

O feminicídio foi abordado pelos estudantes, e realizamos uma pesquisa sobre essa palavra e seu uso no Brasil. Curiosamente, o substantivo “feminicídio” surgiu depois de a crônica ter sido escrita, mas Lima Barreto já refletia sobre crimes dessa natureza que, inclusive, para a lei, eram vistos com algo justificável. O termo “feminicídio” não constava no texto, mas outras palavras despertaram a curiosidade como “quando meme”, “vetusto”, “atrozes” e “tálamo”, não muito empregadas atualmente.

Usando a estratégia de inferência, buscamos os significados no texto, tentando compreendê-lo, num trabalho de interação com autor e época da escrita da crônica. Seguindo essa linha de pensamento, não foram impedidos de compreender o texto como um todo e observaram o contexto, a posição do autor sobre o tema e tiveram a oportunidade de expor suas ideias sobre violências contra a mulher.

Destacamos a narrativa em primeira pessoa, na qual o autor negro, é de origem humilde, como maior parte dos estudantes que participaram desse projeto de leitura. Perceberam a linguagem simples que conversa com quem lê a sua crônica, o que torna a identificação quase imediata. Ampliamos as discussões para o período da pandemia, pois o número de mulheres agredidas cresceu, e as taxas de feminicídio são alarmantes em nosso país.

d) Após o vídeo explicativo: interação, enquetes e *feedback* motivacional

As interações mantinham, além do vínculo, a confiança no trabalho desenvolvido, estabelecendo uma parceria com os estudantes que participavam e poderiam contar com apoio para as atividades. A relevância da situação da pandemia nos levou a perceber a importância das enquetes pela necessidade de respeito às diferenças particulares, a pluralidade de ideias e distinção de opiniões.

Após as postagens de respostas, novas interações eram realizadas a fim de dar auxílio a quem não conseguisse realizar a atividade. As razões eram consideradas e os prazos eram flexibilizados, garantindo oportunidades a todos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Os instrumentos, como formulários, jogos interativos com a plataforma *Kahoot*, faziam parte dos procedimentos com esse público tão jovem, habituado com as redes sociais, mas que não as utilizava como espaço de aprendizagem. Entretanto, de modo geral, os estudantes participaram, refletiram sobre o problema apresentado: a violência contra a mulher; elaboraram perguntas sobre o texto e sobre as formas de auxiliar na busca de soluções com a criação de um possível novo artigo para a lei Maria da Penha. A elaboração desse novo artigo contou com uma pesquisa sobre o tema, *link* do site para leitura da lei.

e) Respostas dos alunos e *feedback* motivacional

As estratégias para leitura do título e da antecipação de hipóteses sobre o assunto se mantinham e as respostas revelam que assim faziam. As respostas apresentadas apontam o compromisso com a leitura e a realização até o final do texto, quando observamos que alguns acreditavam se tratar de desmatamento. A certeza do tema veio após a leitura completa da crônica.

3. Considerações finais

Buscamos, neste texto, fazer o relato de projeto de leitura desenvolvido em turmas de segundo ano do Ensino Médio regular com utilização da metodologia do ensino híbrido, especificamente, a sala de aula invertida. A proposta foi apresentada aos alunos, que receberam as instruções sobre os procedimentos dessa modalidade de ensino, no início do ano letivo, pouco tempo antes do fechamento das escolas em virtude da pandemia. Esse recurso, que seria utilizado com vistas à participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem, passou a ser o instrumento principal para a continuidade de nosso trabalho. Houve necessidade de fazermos algumas adaptações, já que as aulas ocorreriam unicamente de forma virtual e muitos estudantes tiveram dificuldades de participar integralmente das aulas devido a problemas com a *Internet*.

Durante o desenvolvimento do projeto, nossa ideia foi promover uma proposta na qual a leitura pudesse ser vista como fonte de informação, prazer e conhecimento, mediada e orientada por um adulto mais experiente, nesse caso, a professora. Os estudantes relataram que se sentiram mais confiantes quando experimentavam a leitura conosco. Entretanto, foram estimulados a realizar suas próprias leituras, seguindo os passos da leitura em grupo feitos nas aulas remotas.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Diante da dificuldade de compreensão leitora percebida nas aulas de Português e percebida também por professores de outras disciplinas, resolvemos criar um projeto de leitura com esses estudantes da segunda série do Ensino Médio regular. Buscamos, na literatura especializada, estratégias que nos auxiliassem a desenvolver com os alunos a leitura efetiva de um texto, procurando dificultar a utilização de procedimentos adotados por eles, como localizar e copiar os trechos referentes às perguntas. A sedimentação desses vícios foi facilitada pelos modelos de exercícios de interpretação e compreensão presentes nos livros didáticos e repetidos por professores.

Apesar das dificuldades enfrentadas, podemos dizer que os resultados foram satisfatórios, visto que os estudantes passaram a demonstrar receptividade aos momentos de leitura, procurando acompanhar o desenvolvimento das narrativas com interesse. Essa aprendizagem de leitura resultou no desenvolvimento, por parte dos estudantes, de uma postura muito mais crítica diante dos fatos presentes ao seu redor, antes vistos com certa indiferença. Os professores, de um modo geral, também sentiram certa diferença de postura dos alunos diante as situações de aprendizagem. Segundo eles, se tornaram mais receptivos e participativos.

Com vistas a provocar interesse dos alunos, a crônica foi o gênero de texto escolhido, devido ao seu registro coloquial de linguagem e à forma objetiva na abordagem dos temas. Lima Barreto foi o autor selecionado, tendo em vista a sua escrita concisa e direta na abordagem crítica de temas presentes em nossa sociedade, apesar de sua obra ter sido escrita nos primeiros anos do século XX. Por questões de limitação de espaço, fizemos o relato de atividades de leitura da crônica “Não as matem”, em que o autor, em 1915, já denunciava a violência contra as mulheres, numa sociedade patriarcal, que concebía a mulher como um objeto de posse do homem e encarava esse crime como um ato natural e, muitas vezes, necessário.

Esperamos que após esse projeto de leitura desenvolvido nas turmas de segundo ano do Ensino Médio regular, do Ciep 244 Oswaldo Aranha, localizado no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, os jovens estudantes envolvidos no projeto continuem a ter a receptividade à leitura e a postura crítica diante dos problemas enfrentados pela sociedade. Desejamos também que professores e professoras atuem como agentes de mudança para o aprendizado, observando que a *Internet* tem potencial para ser utilizada além das interações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Não as matem. In: _____. *Vida urbana: artigos e crônicas*. 2. ed. Brasiliense, 1961. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- BOCICH, Lilian; MORAN, José Manuel. Aprender e ensinar com foco na educação híbrida. *Revista Pátio*, n. 25, p. 45-7, 2015. Disponível em: <http://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/11551/aprender-e-ensinar-com-foco-na-educacao-hibrida.aspx>.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: _____. *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 2003. (V.5).
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GERALDI, João Wanderley. *O texto em sala de aula*. São Paulo: Ática, 2011.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 2002.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.
- _____. *Ciberdemocracia*. Porto: Instituto Piaget, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MORAN, J. M. *A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. 5. ed. [S.I.]: Papyrus, 2007.
- _____. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (Orgs). *Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens*. II Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2015. (V.2).
- SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma Análise Psicolinguística da leitura e do aprender a Ler*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.